

SACRALIDADE E PROFANIDADE NAS FESTAS DE CONGADA DA REGIÃO DO TRIÂNGULO MINEIRO

SACREDNESS AND PROFANITY IN THE CONGADA'S PARTIES OF THE TRIANGULO MINEIRO REGION

Alessandro Gomes Enoque¹
Alex Fernando Borges²

RESUMO

As categorias do sagrado e do profano apresentam-se como elementos centrais nas discussões empreendidas por diversos teóricos da sociologia das religiões, desde os clássicos (DURKHEIM, 1996; WEBER, 2000, 2001, 2006; BOURDIEU, 2005, 2007, 2008, 2010), os contemporâneos (TEIXEIRA, 2010; BERGER, 2004; WILLAIME, 2012), até os historiadores como (ELIADE, 2002, 2008). Além disso, a utilização de tais categorias no âmbito de festas populares brasileiras, especialmente as de cunho religioso, constitui-se campo de pesquisa profícuo em diversas áreas do conhecimento científico (ROSENDAHL, 1996; ROSENDAHL; CORRÊA, 1999; JURKEVICS, 2005; KATRIB, 2009; AMARAL, 1998). Entre os espaços potenciais de investigação das categorias sagrado e profano, destacamos, neste trabalho, o relacionado às festas de congada realizadas na região do Triângulo Mineiro. Ao partir de uma abordagem de natureza mista, o objetivo deste trabalho foi analisar as representações dos participantes das festas de congada acerca da sacralidade e/ou profanidade dessa manifestação cultural que ocorre na região do Triângulo Mineiro.

Palavras-Chave: Congada. Sagrado. Profano.

ABSTRACT

It is commonly accepted that the categories of the sacred and the profane are central elements in the discussions of the sociology of religions, from the classics (DURKHEIM, 1996; WEBER, 2000, 2001, 2006; BOURDIEU, 2005, 2007, 2008, 2010), to contemporaries (TEIXEIRA, 2010; BERGER, 2004; WILLAIME, 2012), as well as among historians (ELIADE, 2002, 2008). In addition, the use of such concepts in the context of brazilian popular festivals, especially those with a religious nature, constitutes an extremely profitable field of research in several areas of scientific knowledge (ROSENDAHL, 1996; ROSENDAHL; CORRÊA, 1999; JURKEVICS, 2005; KATRIB, 2009; AMARAL, 1998). Among the potential research spaces of the sacred/profane categories, we highlight, in this work, the one related to the congada celebrations held in the Triângulo Mineiro region. Based on an approach of mixed nature, this work had, as an objective, the analysis of the representations of the participants of the congada celebrations about the sacredness and/or profanity of this cultural manifestation that occurs periodically in the Triângulo Mineiro region.

Keywords: Congada. Sacred. Profane.

¹ Professor Associado da Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

² Doutor em Administração - Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Lavras (PPGA-UFLA)

INTRODUÇÃO

As categorias do sagrado e do profano apresentam-se como elementos centrais nas discussões empreendidas por diversos teóricos da sociologia das religiões, desde os clássicos (DURKHEIM, 1996; WEBER, 2000, 2001, 2006; BOURDIEU, 2005, 2007, 2008, 2010), os contemporâneos (TEIXEIRA, 2010; BERGER, 2004; WILLAIME, 2012) até historiadores como (ELIADE, 2002, 2008). Além disso, a utilização de tais categorias no âmbito de festas populares brasileiras, especialmente as de cunho religioso, constitui-se campo de pesquisa profícuo em diversas áreas do conhecimento científico (ROSENDAHL, 1996; ROSENDAHL; CORRÊA, 1999; JURKEVICS, 2005; KATRIB, 2009; AMARAL, 1998).

No entanto, os conceitos de sagrado e profano são ainda parcamente trabalhados na área de estudos organizacionais (DODD; GOTSIS, 2007; TRACEY, 2012; ASHFORTH; VAIDYANATH, 2002; KAMOCHE, 2000; TRACEY; PHILLIPS; LOUNSBURY, 2014). Uma explicação para essa realidade parece estar relacionada ao apontado por Tracey (2012) sobre haver certo incômodo gerado na academia e nos pesquisadores quanto a iniciativas de apropriação de temáticas do universo religioso em espaços pretensamente laicos, como é o caso das organizações empresariais.

Há que se destacar, entretanto, que alguns autores da área de estudos organizacionais têm-se aproximado dessas temáticas gerando novas perspectivas e desafios para a área (CASTILHOS; CAVEDON, 2004; CORRÊA; VALE, 2017; BORGES; ENOQUE; BORGES, 2016; ENOQUE; BORGES; BORGES, 2014, 2015; SOUZA ET AL. 2014).

Dentre os diversos espaços potenciais de investigação das categorias sagrado e profano, destacamos, neste trabalho, o das festas de congada realizadas na região do Triângulo Mineiro. Essas festas normalmente ocorrem em datas próximas ao dia treze de maio, são sincréticas por natureza na medida em que mesclam aspectos da cultura afro-brasileira com o catolicismo, a umbanda e o candomblé e são carregadas de um simbolismo, cuja realização dos festejos não se restringe à igreja ou à praça. A festa se inicia com o ritual da alvorada, quando ocorre o hasteamento das bandeiras de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito, continua com a reunião dos congadeiros nos quartéis ou ternos (casas), com a realização da missa e de desfiles dos ternos na praça e culmina com o arriamento da bandeira, quando se interrompe uma temporalidade ordinária e cotidiana e se instaura um momento festivo e devocional pautado na dicotomia entre religiosidade e excessos.

A festa da congada enseja diversas possibilidades de olhares de cunho organizacional que perpassam por dinâmicas de tomada de decisão de seus atores e por temáticas como gênero e identidade. Nesse sentido, explorar a festa da congada torna-se uma tentativa de avançar em direção a uma série de manifestações culturais, artísticas e religiosas que normalmente são negligenciadas e/ou silenciadas pela área de estudos organizacionais. Além disso, essa tentativa intensifica debates na área acerca da sacralidade e da profanidade nos espaços organizacionais e nas próprias organizações.

O objetivo deste trabalho é, portanto, analisar as representações dos participantes das festas de congada acerca da sacralidade e/ou profanidade dessa manifestação cultural que ocorre na região do Triângulo Mineiro.

O artigo está estruturado nas seguintes seções, além desta Introdução: O sagrado e o profano: aspectos conceituais; Procedimentos metodológicos; Análise dos dados (Dimensões quantitativa e qualitativa); Considerações finais; e Referências.

1 O SAGRADO E O PROFANO: ASPECTOS CONCEITUAIS

Em seus estudos acerca da história das religiões, Eliade (2008) afirma que os conceitos de sagrado e profano somente podem ser compreendidos e apreendidos em uma perspectiva puramente relacional. Assim, para o autor, essas duas dimensões seriam faces diferentes de uma mesma moeda que atuam de maneira interdependente e que se autoinfluenciam. Rosendahl (1996), em uma mesma perspectiva, afirma que as reflexões acerca do sagrado necessariamente deveriam envolver um diálogo com o profano e pontua, ainda, que o primeiro se manifestaria sempre como uma realidade de ordem inteiramente diferente do cotidiano. A construção dessa ordem distinta, fruto de um poder de consagração que, nas palavras de Bourdieu (2005), "absolutiza o relativo e legitima o arbitrário", transfiguraria as instituições sociais (construções humanas) em instituições de origem sobrenatural. Essa "alquimia ideológica", fruto de uma função simbólica da religião, teria, como objetivo, revestir o que é fundamentalmente humano com o caráter sagrado.

Esse efeito de consagração pode ser notado, fundamentalmente, em duas dimensões principais: o espaço e o tempo. No que diz respeito ao espaço, Eliade (2008) aponta que ele não é, de maneira alguma, homogêneo, ao contrário, apresenta quebras e roturas configurando porções qualitativamente diferentes das outras, havendo, assim, um espaço sagrado, carregado

de uma positividade inerente e gerado a partir de uma hierofania, quando envolve uma manifestação direta da divindade, que implica uma conseqüente hierarquização dos espaços sociais. Ainda de acordo com o autor, outra forma de construção desse espaço sagrado viria através da prática ritualística.

Para Rosendahl (1996), o espaço sagrado pode ser definido "(...) como um campo de forças e de valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, que o transporta para um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência". Tais espaços não precisam, no entanto, serem necessariamente fixos, espaços que reconhecidamente possuem um lugar real de localização. De acordo com a autora, há exemplos no catolicismo popular brasileiro e nas festas populares, inclusive na Congada, de uma mobilidade do espaço sagrado. Nesse sentido, compreende-se que o espaço sagrado não está somente circunscrito à igreja, mas também as casas dos festeiros, pessoas que não desempenham, necessariamente, trabalho religioso especializado.

Corroborando tal perspectiva, Katrib (2009), ao fazer referência a Congada na Festa em Louvor de Nossa Senhora do Rosário, em Catalão/GO, aponta que a vivência da festa não está restrita apenas ao lugar oficial da comemoração, mas também a casas e quintais, em uma espacialidade essencialmente fluida. Para além disso, o lugar festivo é, na opinião do autor, um espaço mais que sagrado, uma vez que se torna o local de vivência e de experiência religiosa que se projeta no campo do não sagrado, ajudando o indivíduo a se relacionar com ele.

Embora ocorra certa fluidez na conformação do espaço sagrado, como apontado anteriormente, Eliade (2008) destaca que, normalmente, a passagem de uma dimensão (sagrado) para outra (profano) é intermediada, simbolicamente, pela figura da porta. Para Rosendahl (1996), a porta significa o limite que separa os dois espaços, indicando, ao mesmo tempo, comunicação, passagem e proteção contra as influências do meio profano exterior. Esta passagem, nas palavras da autora, vem acompanhada de inúmeros ritos como, por exemplo, reverências e variados gestos que exprimem sentimentos.

Da mesma forma que o espaço não pode ser compreendido como homogêneo, o tempo também é, nas palavras de Eliade (2008), estratificado. Nesse sentido, existem intervalos de tempo sagrado, aqueles relacionados ao tempo das festas, na maioria, festas periódicas, podendo ser caracterizados como circular, reversível, recuperável, "[...] espécie de eterno presente mítico que o homem reintegra periodicamente pela linguagem dos ritos" (ELIADE, 2008, p.64), e o tempo profano, compreendido como "[...] duração temporal ordinária na qual se inscrevem

os atos privados de significado religioso" (ELIADE, 2008, p.63). Além disso, nas palavras do autor, o tempo original é continuamente fundado e refundado, em um ato de caráter cosmogônico, no universo das festas religiosas como *lócus* de retomada do mundo do sagrado.

De acordo com Callois (1989), a festa se constitui não somente como uma ruptura do cotidiano, mas também como um tempo de excessos. Neste momento, as pessoas extrapolam os padrões sociais, vivificando a comilança, a bebedeira e toda a multiplicidade de sentimentos definidos pela lógica do extravasamento momentâneo que a festa permite. Duvignaud (1983) aponta, ainda, que a festa não pode ser compreendida como simples ilustração ou representação, devendo, antes de tudo, ser compreendida como um "espetáculo" que mantém aflorado seu universo simbólico e ritualístico e não simplesmente como mera encenação do passado. Nesse sentido, a festa pode, ainda, adquirir a função questionadora do social, da própria cultura e do próprio cotidiano.

No que diz respeito à área de estudos organizacionais, as temáticas do sagrado e do profano, em especial, têm sido parcamente instrumentalizadas pelos autores, segundo (TRACEY, 2012; TRACEY; PHILLIPS; LOUNSBURY, 2014), visto que temas relacionados ao universo religioso que, de alguma forma, estabeleçam conexões com o universo organizacional ainda são raros nessa área. Para Tracey; Phillips; Lounsbury (2014), parte da explicação para esta realidade está relacionada a três crenças fundamentais. A primeira crença diz respeito à ideia de que a religião é considerada um assunto de natureza privada e que não deve, em princípio, ser discutida ou debatida no âmbito da academia. A segunda deriva da crença no declínio da importância da religião na sociedade contemporânea. Essa visão, a nosso ver, é errônea, pois se trata de mito admitir que, na contemporaneidade, ocorreu um processo de secularização que reduziu significativamente o espaço do universo religioso na sociedade. Por fim, um argumento para explicar o lugar marginal da religião na discussão organizacional diz respeito à crença errônea e preconceituosa de que a religião não seria um objeto apropriado de estudo.

Há que se destacar, entretanto, que autores brasileiros da área de administração, paulatinamente, têm discutido abordagens religiosas nas organizações, em quatro eixos principais. O primeiro diz respeito à relação entre organizações religiosas e o contexto no qual elas se inserem, bem como os efeitos das crenças e valores no universo organizacional. Exemplos de tal abordagem podem ser encontrados nos trabalhos de Borges; Enoque; Borges (2016), Enoque; Borges; Borges (2014, 2015) e Flausino; Medeiros; Júnior (2018). O segundo

eixo tem como foco as estratégias, práticas e performances de organizações religiosas. Nesse aspecto, podemos citar os trabalhos de Gonçalves; Serra; Costa (2007), Corrêa; Vale (2017) Bazanini; Júnior (2018). O terceiro eixo pode ser encontrado em trabalhos que abordam a religião em uma dimensão micro-organizacional, destacando a relação dessa variável com variáveis de natureza comportamental. Exemplos dessa abordagem podem ser encontrados no trabalho de Silva; Siqueira (2009). Por fim, o último eixo apresenta trabalhos que buscam dialogar a temática do sagrado e do profano em ambientes de natureza organizacional (CASTILHOS; CAVEDON, 2004; SOUZA ET AL., 2014).

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para viabilizar a consecução do objetivo proposto, optou-se, neste trabalho, por adotar uma abordagem metodológica que mesclasse instrumentos quantitativos e qualitativos de coleta e análise dos dados (BRYMAN, 2006; CRESWELL; TASHAKKORI, 2007; JOHNSON; ONWUEGBUZIE, 2004), tendo em vista a complexidade ao se tratar das representações dos participantes das festas de congada acerca da sacralidade e/ou profanidade desta manifestação cultural, bem como das especificidades do campo de estudo, em que há temporalidade e espacialidade bem marcadas, que requer a utilização de abordagens metodológicas complementares.

Diante disso, em um primeiro momento, de caráter essencialmente quantitativo, foram aplicados um total de 359 questionários aos participantes das festas de congada das cidades mineiras de Ituiutaba e Monte Alegre. Os questionários continham um total de trinta e oito questões que possibilitavam conhecer a realidade social dos entrevistados e sua relação com a festa. Os dados coletados nos questionários foram tabulados com a utilização de um software estatístico (SPSS) e foram empreendidas análises estatísticas de natureza descritiva com objetivo de traçar um perfil não só dos participantes, mas também de sua relação com a festa e percepções acerca dela.

No segundo momento, de natureza qualitativa, foram realizadas dezoito entrevistas semiestruturadas com representantes dos diversos ternos de congada das duas cidades mineiras, com o objetivo de melhor compreender as representações sociais, religiosas, culturais e simbólicas da festa da congada. As entrevistas foram orientadas por um roteiro que compreendia identificação do entrevistado, caracterização de seu perfil pessoal e profissional,

questões relacionadas a elementos como religião, história do congado, trajetória da participação individual no congado, papel desempenhado pelo indivíduo no ambiente organizacional do terno e papel desempenhado por ele na preparação e na celebração dos festejos. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas em seu inteiro teor, de modo que as falas dos entrevistados pudessem ser recuperadas e analisadas pelos pesquisadores. Por fim, como técnica de análise de dados, foi empregada a perspectiva da análise crítica do discurso (IÑIGUEZ 2005; CARRIERI ET AL., 2009).

3 ANÁLISE DOS RESULTADOS

3.1 Dimensão Quantitativa

Nesta seção, inicialmente realizamos uma análise descritiva com o objetivo de construir um perfil sociodemográfico dos participantes das festas de congada em duas importantes cidades do Triângulo Mineiro (Ituiutaba/MG e Monte Alegre/MG). No segundo momento, analisamos a relação dessas variáveis com outras relevantes para este estudo, especialmente a relacionada à dimensão da sacralidade/profanidade da festa.

No que diz respeito ao perfil dos participantes da festa, pode-se observar que a maioria é constituída de mulheres (53,5%). Além disso, nota-se elevado percentual de indivíduos negros (43,5 %), seguidos de pardos (32,9 %) e brancos (18,5 %). Essa realidade parece comprovar o caráter tradicional de uma celebração fortemente voltada para a comunidade negra nas duas cidades pesquisadas. Nesse sentido, pode-se notar que a festa da congada, cujas origens podem ser encontradas nas celebrações dos escravos, ainda possui forte relação com a comunidade negra, ainda que indivíduos brancos e pardos também se façam presentes.

É interessante notar, ainda, que, ao serem inquiridos sobre o grau de classificação da cor de sua pele, em uma escala de 01 a 10, em que 1 é muito claro e 10 é muito escuro, os participantes da festa apontaram uma média de 6,11. Ao aprofundarmos o nível de análise dessa variável, podemos observar que os participantes negros apontam a maior média (7,81) ao passo que os brancos apresentam um valor médio em torno de 3,56.

No que diz respeito ao estado civil dos participantes, observamos um elevado percentual entre os solteiros (41,8%), seguido de 19,2% dos indivíduos que convivem em união estável, 15,6 % de casados no civil e no religioso e um percentual de 6,4% de indivíduos que

são casados somente no civil. Quanto ao fato de terem ou não filhos, 62,8% afirma ter, pelo menos, uma criança (média de 1,67 filhos).

Ao analisarmos o grau de escolaridade dos entrevistados, observamos que aproximadamente 34 % possuem o ensino fundamental incompleto e 63,2% ensino médio incompleto. Nota-se, diante disso, um baixo grau de escolaridade apresentado pelos participantes da festa de congada, fruto, talvez, de sua condição social desprivilegiada, uma vez que entre os 66 % participantes que trabalham somente 31,4 % responderam ter carteira assinada em suas ocupações. Percebe-se, neste sentido, um elevado grau de informalidade das ocupações desempenhadas pelos participantes da festa da congada.

Em relação a variável religião, observamos que a maioria dos entrevistados afirma ser católico (66,7%), seguido de espíritas (14,8%), evangélicos (9,8 %), praticantes do candomblé (1,7 %) e da umbanda (1,4 %). Ao se verificar a porcentagem de evangélicos, nota-se que há uma inversão da realidade apresentada no Brasil, tendo em vista que esse grupo apresenta-se como segunda categoria religiosa predominante no país, seguida de católicos. Destaca-se ainda o alto grau de espíritas presentes na festa da congada, porcentual que pode ser explicado pela alta congregação de espíritas na região do Triângulo Mineiro e pela utilização do termo espírita por adeptos do candomblé e da umbanda, em razão do caráter negativo atribuído a denominações de matriz africana pela sociedade brasileira.

Ao serem inquiridos acerca de seu grau de religiosidade, em uma escala de 01 a 10, em que 01 é nada religioso e 10 é totalmente religioso, se alcançou a média de 7,05 entre os entrevistados. Convém destacar que os praticantes do candomblé apresentaram a maior média (8,83), seguidos dos umbandistas (8,60), espíritas (7,79), evangélicos (7,06) e católicos (7,01). Observamos que os negros apresentam um maior grau de religiosidade (7,19) ao compararmos essa variável com a raça dos entrevistados.

Ao serem questionados acerca do fato de já terem praticado outra religião, observamos que 69% dos entrevistados indicaram resposta negativa e 74,6 % mencionaram que receberam algum tipo de educação religiosa na infância . Nota-se que há permanência dos entrevistados em determinada crença ou religião ao longo da vida.

Essa realidade comprova-se, especialmente, na compra de artigos religiosos pelos entrevistados. No período de realização das entrevistas, aproximadamente 56,4 % deles afirmaram ter comprado artigos religiosos e que gastaram, ao ano, em média R\$ 97,68 com a

aquisição de artigos de cunho religioso. Entre os artigos religiosos mais comprados, destacam-se imagens (10,3 %), terços (6,7%), santos (6,7 %), CDs (7,0 %) e livros (7,6 %).

Em relação à frequência com que participam da congada, 73,5% dos entrevistados afirmaram que sempre comparecem a festa e 7,9% afirmaram que nunca participaram dela. Em relação ao motivo de participação, dois elementos destacaram-se nas perguntas sem categorias r predeterminadas: a fé, que foi apontada por 17,8 % dos participantes, e a tradição, apontada por 12,5 %. Convém destacar, ainda, que 41,4 % dos entrevistados participam de algum terno de congada e que o grau de envolvimento dos participantes na congada é 6,78, em uma escala de 1 a 10, em que 01 é não se envolve em nada e 10 envolve-se muito. No que diz respeito ao grau de sacralidade/profanidade da festa, os entrevistados foram questionados como consideram a festa da congada, em uma escala de 1 a 10, em que 1 é totalmente profana e 10 é totalmente religiosa. Nas duas cidades pesquisadas, observamos que os participantes apontaram uma média de 8,32, indicando uma tendência a considerá-la como tendo contornos mais sagrados. Essa tendência pode estar relacionada, fundamentalmente, ao caráter tradicional da festa e a sua ligação com o universo católico desde as origens.

Alguns pontos importantes podem ser observados ao compararmos essa variável com as relacionadas ao perfil sociodemográfico dos participantes. Percebemos que as mulheres atribuem à festa da congada caráter mais sagrado que os homens, 8,64 e 7,96, respectivamente. Percebemos ainda que 8,86 dos negros tendem a avaliar a festa como tendo caráter sagrado comparado com outras raças: pardos 8,02 e brancos 7,57. Essa realidade parece reforçar o caráter tradicional da festa e sua relação com a comunidade negra.

Tabela 1 – Percepção acerca do grau de sacralidade da Festa da Congada (em uma escala de 1 a 10, onde 1 é totalmente profana e 10 é totalmente religiosa) x sexo do entrevistado

Sexo do Entrevistado	Média
Homem	7,96
Mulher	8,64
Total	8,32

Fonte: Dados da pesquisa

Tabela 2 – Percepção acerca do grau de sacralidade da Festa da Congada (em uma escala de 1 a 10, onde 1 é totalmente profana e 10 é totalmente religiosa) x Raça do Entrevistado

Raça do Entrevistado	Média
Branca	7,57
Preta	8,86

Parda	8,02
Amarela	7,00
Indígena	9,75
Total	8,31

Fonte: Dados da pesquisa

Há que se destacar, ainda, que, em média, 9,20 dos praticantes da umbanda e 8,94 do espiritismo classificaram a festa como sagrada. As demais denominações religiosas apresentaram as seguintes médias: 8,64 de católicos, 5,86 de evangélicos, 8,50 do candomblé e 6,84 de outras denominações.

Tabela 3 – Percepção acerca do grau de sacralidade da Festa da Congada (em uma escala de 1 a 10, onde 1 é totalmente profana e 10 é totalmente religiosa) x Religião do Entrevistado

Religião do Entrevistado	Média
Católica	8,64
Evangélica	5,86
Espírita	8,94
Umbanda	9,20
Candomblé	8,50
Budismo	9,00
Outra	6,84
Total	8,32

Fonte: Dados da pesquisa

No que diz respeito à relação entre escolaridade e percepção sobre a sacralidade da festa, observamos que 9,86 dos analfabetos classificaram a festa como tendo forte caráter religioso, seguido de 8,79 dos entrevistados com superior incompleto e 8,72 com ensino médio incompleto. A tabela 5 mostra que os frequentadores assíduos da festa avaliam-na com contornos especialmente sagrados em contraposição àqueles que nunca a frequentaram.

Tabela 4 – Percepção acerca do Grau de Sacralidade da Festa da Congada (Em uma escala de 1 a 10, onde 1 é totalmente profana e 10 é totalmente religiosa) x Grau de Escolaridade do Entrevistado

Grau de Escolaridade do Entrevistado	Média
Analfabeto	9,86
Ensino Fundamental Incompleto	8,29
Ensino Fundamental Completo	8,38
Ensino Médio Incompleto	8,72

Revista Pensamento & Realidade

v. 34, n. 1, p. 26-44, jan./mar. 2019 - e-ISSN: 2237-4418

Ensino Médio Completo	8,03
Ensino Superior Incompleto	8,13
Ensino Superior Completo	8,79
Especialização	2,00
Pós-Graduação (Mestrado ou Doutorado)	8,50
Total	8,32

Fonte: Dados da pesquisa

Tabela 5 – Percepção acerca do Grau de Sacralidade da Festa da Congada (Em uma escala de 1 a 10, onde 1 é totalmente profana e 10 é totalmente religiosa) x Frequência com que participa da festa

Frequência com que participa da festa	Média
Sempre	8,68
Frequentemente	7,24
Às vezes	7,83
Raramente	7,56
Nunca participou	6,56
Total	8,32

Fonte: Dados da pesquisa

Na seção seguinte, serão realizadas análises de natureza qualitativa com o objetivo de compreender as representações sociais dos participantes acerca do sagrado e do profano nas festas da congada das duas cidades pesquisadas.

4.2 Dimensão Qualitativa

As seleções lexicais dos fragmentos discursivos (001) e (002), transcritos mais adiante, apontam o caráter especial e diferenciado da festa da congada ao se comparar o tempo ordinário da vida de seus participantes com o tempo sacralizado da festa. O momento da festa pode ser compreendido como o ato culminante, principal, de um processo que dura o ano todo. Nesse sentido, é compreensível a utilização, pelo enunciador, dos termos "apogeu" e "ápice" para demonstrar a singularidade de tal momento. Nota-se, ainda que metaforicamente, a figura implícita de uma montanha que precisa ser escalada ou vencida ao longo de um longo trajeto (o ano) e que imprime uma série de sacrifícios para aqueles que buscam o seu cume.

A partir dessa ideia, a preparação da festa da congada pode ser compreendida como um longo e árduo "caminho" de sacrifícios que duram todo o ano culminando em um momento especial de celebração/consagração com caráter de renovação. Esta festa, como o Ano Novo católico, por exemplo, serviria como um momento de renovação das forças físicas e espirituais para o ano seguinte, tendo como uma de suas funções a preparação do indivíduo para a lógica ordinária da vida, que exige sacrifícios no dia a dia para obter recompensas.

(001) "[...] a festa em si, é o momento de apogeu [...] de tudo que acontece [...] na realidade, a festa é a comilança de um ano [...] já está todo mundo preparado para o próximo ano. Então a comilança de todo o processo, é a festa. Então é quando se reúnem todos os ternos da cidade para visitasões, de ternos que recebem visitasões, e quando levanta a bandeira, quando saúda o santo então é o momento de... é um ritual de renovação, acho o que oficializa mais é uma renovação que faz todo o ano, é um ritual mesmo." (Entrevistado 08)

(002) "[...] acaba que a festa é um momento do terno [...] É um momento [...] É o ápice do terno." (Entrevistado 17)

De acordo com fragmento discursivo (001), o momento de realização da festa é associado a um momento de prosperidade, de fartura, incomum no dia a dia de seus participantes, tendo em vista que o enunciador percebe a festa como o momento de "comilança de um ano". É importante destacar que o uso do termo "comilança" nos remete a um momento de excessos, em que a festa não seria simplesmente um momento de "comer", mas "comer em grande quantidade, com fartura". É neste momento especial do ano que os participantes podem dar espaço não só ao pecado da gula, mas também a outros pecados. Esse fato pode ter explicação nas origens da festa da congada que, tendo sido criada por escravos, configurava-se como um momento de "suspensão" da realidade opressora e dura vivida por eles no dia a dia.

(003) "[...] no dia ela começa com alvorada, que é cinco horas da manhã, onde os quartéis se despertam tocando" (Entrevistado 05)

(004) "[...] olha no dia da festa nós acorda umas 5h para a comemorada festiva, onde o quartel onde é feito uma alvorada e uma queima de fogos, uma alvorada festiva. Então ali a partir desse momento os ternos vão se reunir em seus quartéis pra poder iniciar a festa." (Entrevistado 10)

De acordo com os fragmentos discursivos (003) e (004), a festa inicia-se pela manhã com o ritual da alvorada, em que os congadeiros são conclamados a se reunirem nos espaços dos quartéis (dos ternos) para o início da festa, em um ritual semelhante ao desempenhado nos quartéis militares. No caso específico da festa da congada, o "toque da alvorada" normalmente é dado pela queima de fogos de artifício. Neste momento, os integrantes dos diversos ternos pegam seus instrumentos e os últimos preparativos da festa são realizados, como pequenos concertos nas roupas.

Após este momento, o café da manhã é servido nos diversos quartéis e, em seguida, os congadeiros partem para a igreja onde assistem à missa. Não se trata de uma missa puramente católica, mas de uma missa "remodelada" que incorpora elementos de outras religiões e traços da cultura africana. Esse momento ritualístico é importante, uma vez que representa,

simbolicamente, o sincretismo cultural e religioso presente nas festividades da congada. Findada a missa, os diversos ternos caminham para a praça onde é realizado o hasteamento da bandeira de São Benedito ou de Nossa Senhora do Rosário, em um ritual de caráter essencialmente celebrativo e devocional que tem forte impacto emotivo em seus participantes. Em seguida, diversos ternos desfilam na praça com seus cânticos, ritmos, vestimentas e acessórios carregados de forte caráter simbólico. No que diz respeito aos cânticos, por exemplo, há um "jogo" entre elementos sagrados e profanos que torna a manifestação totalmente singular, como pode ser visto no fragmento discursivo (005). Pode-se dizer que há uma fusão entre temáticas relacionadas ao universo católico (como as músicas louvando São Benedito, por exemplo) e às relacionadas à escravidão ou a outras religiões de matriz africana (como as músicas voltadas ao caboclo).

(005) "[...] no canto, e aparece no jogo do sagrado profano, é muito engraçado o ano passado eles tinham uma música que falava do caboclo, a como era... Eu não lembro a música, eu sei a música falava assim que em determinado pedaço a música fazia louvor ao caboclo, e aqui eles cantaram louvor a São Benedito, e lá eles cantam diferente então eles fazem esse jogo, eles sabem fazer esse jogo, eles pegam aos detalhes, os detalhes dos bastões são diferentes, as pontas são diferentes, então eles tem o cuidado com essas coisas simbolicamente representa muita coisas para eles sabe [...]" (Entrevistado 08)

As vestimentas e acessórios trazem fortes elementos simbólicos, inclusive em suas cores. Os bastões, normalmente empunhado pelos capitães dos ternos, representam uma "espada" que os distingue dos demais participantes, dando a eles especial destaque. Além disso, os bastões têm como função garantir a proteção espiritual dos membros do terno, especialmente dos capitães de ternos com inspiração em religiões de matriz africana.

(006) "[...] Aí depois do almoço, aí sai pra buscar o reinado, aí volta com o reinado pra igreja onde monta um circular onde tem juntos todos os reis e rainha de todos os ternos e saem pra procissão, aí é feita a procissão [...] tem o arriamento da bandeira.[...]" (Entrevistado 10)

Segundo o fragmento discursivo (006), após o almoço, os ternos buscam seus reinados em seus quartéis e celebram a festa no espaço da praça, como em uma corte, em formato de uma procissão. A culminância da festa encerra-se com o arriamento da bandeira, que simboliza o fim de um ciclo e o início de outro.

No que diz respeito mais especificamente às construções do sagrado e do profano na festa da congada, a seleção lexical do fragmento discursivo (007) apresenta as figuras explícitas

do quartel ("o lugar do quartel") e do castelo ("castelo do rei"), bem como a temática do sagrado ("um lugar sagrado"). Pode-se dizer que há uma franca intenção do enunciador de inter-relacionar tais elementos, atribuindo ao *locus* de reunião, na perspectiva dos participantes da congada no dia da festa e nos períodos de preparação, contornos especiais. Ao espaço do quartel é atribuída uma natureza real, uma vez que é associado ao lugar de "moradia" do rei e da rainha do congado, como se fosse o castelo do rei. Essa associação enfatiza a importância desse espaço para os participantes da congada, visto que não se trata de um espaço qualquer, mas de um espaço carregado de uma positividade que ultrapassa a natureza comum de outros espaços sociais.

(007) "[...] o lugar do quartel é um lugar sagrado é um lugar de... é como se fosse o castelo do rei, o lugar do rei. Porque na realidade a simbologia da congada é essa, é um reinado, é um negro escravo se dizer valoroso. Então porque no dia da festa o rei e a rainha ficava na frente do prefeito [...] o quartel é um lugar santo é como se fosse um lugar protegido." (Entrevistado 08).

Ao espaço (lugar) do quartel também é atribuída uma dimensão do sagrado ("é um lugar sagrado", "lugar santo"). A demarcação do espaço, pelo enunciador, como sendo de natureza especial ("sagrada") o distancia dos outros espaços "comuns" de nossa sociedade. Essa natureza demarcatória é, inclusive, comum nas discussões de historiadores e sociólogos da religião ao explicarem a natureza sagrada dos templos religiosos.

Esta demarcação parece ter contornos de natureza espiritual, conforme pode ser visto no fragmento (007). Na compreensão do enunciador, o espaço do quartel é um "lugar protegido". Como, na maioria das vezes, os quartéis funcionam nas residências de participantes da congada (reis, rainhas, capitães, coordenadores, etc.), pode-se pressupor que o enunciador faz menção a uma proteção espiritual que o espaço sagrado proporciona aos seus frequentadores.

Há que se destacar, ainda, a ausência da igreja nesta lógica associativa. Não há associação entre a igreja, *locus* "extremamente carregado de sacralidade", e o quartel da congada. Essa ausência poderia ser explicada pela proibição da entrada de negros nas igrejas nos tempos da escravidão, como pode ser verificado no fragmento discursivo (008). Diante disso, uma das alternativas de espaço para devoção seria exatamente o espaço dos quartéis.

(008) "O existir do quartel é por que de repente a o negro não poderia ter acesso à igreja em determinado momento é por isso assim que existe o quartel fora da....[...]"(Entrevistado 12)

A devoção no espaço dos quartéis pode ser constatada tendo em vista que "pequenos" altares são construídos em homenagem a Nossa Senhora do Rosário ou a São Benedito, no caso específico dos ternos de inspiração católica, ou até mesmo a santos e entidades de outras denominações religiosas como da umbanda e do candomblé. Tais altares, cuidadosamente adornados com objetos como imagens, velas, figuras, bastões, entre outros, possuem relevância simbólica fundamental na dinâmica da festa da congada.

(009) "Sim, tanto é que ninguém pode tomar cerveja cá ali dentro do quartel não, eles toma do lado de fora, ninguém de nós aceitamos. Diante do altar de Nossa Senhora do Rosário, faça o favor gente! E não fala nada alto e nem palavrão nada nada, nós não aceitamos, isso é deus do primeiro dia, se às vezes começa a querer dar uma rilha opa vem cá senta aqui, assenta aqui e a gente conversa baixinho ali do lado se começou... não alterou mais um pouquinho o maridão leva lá pra fora, não então você vai brigar lá fora, eu não aceito!" (Entrevistado 12)

(010) "[...] mas tudo no limite, porque é um lugar sagrado... Tem regras [...]" (Entrevistado 15)

Nota-se o caráter normativo que este "espaço sagrado" imprime a seus frequentadores. Como pode ser visto na seleção lexical do fragmento discursivo (009), elementos de natureza "profana" como a bebida ("*ninguém pode tomar cerveja cá ali dentro do quartel não*"), o palavrão ("*não fala nada alto e nem palavrão nada nada*") e a briga ("*vai brigar lá fora, eu não aceito*") devem ficar fora do espaço dos quartéis. Os transgressores dessas normas devem, necessariamente, ser levados para fora desse espaço ("*leva lá pra fora*", "*vai brigar lá fora*").

(011) "A gente tenta levar, toda vez que a gente faz, o libertação tem um ritual quando a gente vai sair, a gente dá um remédio pros congadeiros, a gente dá o remédio pra eles, esse remédio ele nunca pode faltar [...]" (Entrevistado 11)

(012) "Aí eles ajoelha na hora que a gente vai sair faz a prece, ajoelha aí elas vêm com a bandeira e passa [...]" (Entrevistado 16)

A entrada, a presença e a saída destes espaços "sagrados" (quartéis) são acompanhadas por uma série de pequenos gestos e rituais, conforme consta dos fragmentos discursivos (011) e (012). No fragmento discursivo (011) apresentado pelo enunciador, os membros do terno bebem um "remédio" ao saírem de seu quartel, que pode ter natureza espiritual. O uso do termo "remédio" pelo enunciador demonstra, potencialmente, um ritual de cura do corpo e da alma, bem como de proteção para a realidade "profana" que os aguarda.

O fragmento discursivo (012) demonstra outro ritual de saída do terno do quartel, qual seja, a realização de prece e a passagem da bandeira, que toca os membros ajoelhados, em posição de devoção. Nesse ritual, o indivíduo se põe em posição de obediência (ajoelhado) e pede proteção divina quando toca a bandeira estampada com a figura de um santo.

Assim como a sacralidade pode ser encontrada nas festas da congada em sua dimensão espacial, ela pode ser buscada em seu caráter temporal. Conforme se observa no fragmento discursivo (002), a festa da congada é considerada, pelo enunciador, como o momento máximo, fundamental, na dinâmica dos ternos ("é o ápice do terno") que marca o limite entre certa temporalidade "ordinária" das atividades (e por que não dizer, da vida) e sua dimensão "sagrada", de caráter especial.

(013) [...] é uma coisa que... que não para sabe [...] terminou a gente já inicia a atividade do próximo ano e realmente não para mesmo. É feito no mês de junho, a avaliação da festa [...] ali a gente começa trabalhar [...] e como será realizada a próxima festa e sempre descobrindo e discutindo reuniões todo primeiro domingo do mês [...], na paróquia de são bendito [...] geralmente já discutimos já as primeiras coisas, entre as atividades que nos estamos fazendo [...] (Entrevistado 10)

Convém destacar, ainda, que a temporalidade "ordinária" encontra-se presente na dinâmica de todos os ternos pesquisados. Como se observa no fragmento (013), durante todo o ano os ternos realizam atividades de preparação da festa do ano seguinte.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo a análise das representações dos participantes das festas de congada acerca da sacralidade e/ou profanidade dessa manifestação cultural que ocorre na região do Triângulo Mineiro. Para tanto, foram utilizadas metodologias mistas de coleta e análise dos dados, gerando uma perspectiva ampla da dinâmica da festa. No que diz respeito à dimensão quantitativa, pode-se observar que há uma maior percepção das mulheres, negras, praticantes da umbanda e do espiritismo e analfabetas quanto à sacralidade da festa da congada nas duas cidades pesquisadas.

Quanto à natureza qualitativa, pode-se observar que os participantes atribuem aos quartéis dos ternos um *status* sagrado, tendo em vista que há uma série de normas que regulamentam a entrada, a permanência e a saída dos membros desses espaços sociais. Além disso, essas movimentações são permeadas por uma série de rituais e pequenos gestos

realizados por seus frequentadores. Em relação à sacralidade da temporalidade, podemos observar que a festa da congada configura-se, para seus participantes, como um tempo extraordinário diferente da "normalidade" do dia a dia vivenciado por eles.

5 REFERÊNCIAS

- AMARAL, R.C. M. P. *Festa à brasileira: significados do festejar, no país que "não é sério"*. Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 1998.
- ASHFORTH, B. E.; VAIDYANATH, D. Work organizations as secular religions. *Journal of Management Inquiry*, v. 11, n. 4, p. 359-370, dez. 2002.
- BAZANINI, R.; JÚNIOR, C. M. O mercado como religião: a dinâmica da rede de negócios nos megatemplos. *Brazilian Business Review*, v.15, n. 3, p.262-283, 2017.
- BERGER, P. L. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 2004.
- BORGES, J. F.; ENOQUE, A. G.; BORGES, A. F. O "sagrado instituído" e os "deuses sonhados": organização missionária e outras metáforas organizacionais. *Organizações & Sociedade*, v. 23, n.76, p.15-36, 2016.
- BORGES, A. F.; ENOQUE, A. G.; BORGES, J. F. Empreendedorismo religioso: um estudo sobre empresas que exploram o nicho da religiosidade. *Revista de Administração Contemporânea (RAC)*, v.19, n.5, p.565-583, 2015.
- BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- _____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2007.
- _____. *A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos*. Porto Alegre: Zouk, 2008.
- _____. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papyrus, 2010.
- BRYMAN, A. Integrating quantitative and qualitative research: how is it done? *Qualitative Research*, v. 6, n.1, p.97-113, 2006.
- CALLOIS, R. *O homem e o sagrado*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- CARRIERI et al. *Análise do discurso em estudos organizacionais*. Curitiba: Juruá, 2009.
- CASTILHOS, R. B.; CAVEDON, N. R. Mercado público de Porto Alegre: um espaço organizacional dividido entre o sagrado e o profano. *REAd*, v.10, n.1, 2004.
- CERTEAU, M. de. *A Invenção do cotidiano – artes do fazer*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- CORRÊA, V.S.; VALE, G. M. V. Ação econômica e religião: igrejas como empreendimento no Brasil. *Revista de Administração Contemporânea (RAC)*, v.21, n.1, p.01-18, 2017.
- CRESWELL, J. W.; TASHAKKORI, A. Differing perspectives on mixed methods research. *Journal of Mixed Methods Research*, v.01, n.4, p.303-308, 2007.
- DODD, S. D; GOTSIS, G. The interrelationships between entrepreneurship and religion. *The International Journal of Entrepreneurship and Innovation*, v. 8, n. 2, p.93-104, 2007.
- DURKHEIM, E. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- DUVIGNAUD, J. *Festas e civilizações*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.
- ELIADE, M. *Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- _____. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

- ENOQUE, A. G.; BORGES, A. F.; BORGES, J. F. Representações do lucro no comércio de artigos religiosos: interpretações do sagrado e do profano no cotidiano das organizações. *Revista Eletrônica de Ciência Administrativa (RECADM)*, v.13, n.3, p.372-392, 2014.
- _____. "Além do que se vê...": análise do conceito weberiano de vocação à luz da dinâmica do empreendedorismo religioso. *Organizações & Sociedade*, v. 22, n.75, p.505-520, 2015.
- FLAUSINO, V. S.; MEDEIROS, C. R.O.; JÚNIOR, V. M. V. Poder e religião: a doutrina espírita no modo de pensar dos gestores de Uberaba/MG. *Revista ADM.MADE*, v.22, n.1, p.58-76, 2018.
- GONÇALVES, J. C. S.; SERRA, A. R. .; COSTA, C.E.S. A empresarização do sagrado: um estudo sobre a estruturação de igrejas protestantes brasileiras. *Revista Eletrônica de Ciência Administrativa (RECADM)*, v.6, n.2, 2007.
- IÑIGUEZ, L. *Manual de análise do discurso em ciências sociais*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- JOHNSON, R.B.; ONUWUEGBUZIE, A.J. Mixed methods research: a research paradigm whose time has come. *Educational Researcher*, v. 33, n.7, p.14-26, 2004.
- JURKEVICS, V. I. Festas religiosas: a materialidade da fé. *História: Questões & Debates*, n.43, p.73-86, 2005.
- KAMOCHE, K. Developing managers: the functional, the symbolic, the sacred and the profane. *Organization Studies*, v. 21, n. 4, p. 747-774, jul. 2000.
- KATRIB, C. M. I. *Foi assim que me contaram: recriação dos sentidos do sagrado e do profano do congado na festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário (Catalão - GO - 1940-2003)*. Tese (Doutorado em História Cultural) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Brasília (UNB), Brasília, 2009.
- ROSENDAHL, Z. *Espaço e religião: uma abordagem geográfica*. Rio de Janeiro: UERJ, 1996.
- ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R.L. *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: UERJ, 1999.
- SILVA, R. R.; SIQUEIRA, D. Espiritualidade, religião e trabalho no contexto organizacional. *Psicologia em Estudo*, v.14, n.3, p.557-564, 2009.
- SOUZA, M. M. P. et al. Do "beija e deixa" ao "membro virtual": os vários usos do sagrado na feira do jubileu de Congonhas. *Revista de Administração*, v.49, n.2, p.429-440, 2014.
- TEIXEIRA, F. *Sociologia da religião: enfoques teóricos*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- TRACEY, P. Religion and organization: a critical review of current trends and future directions. *The Academy of Management Annals*, v. 6, n. 1, p. 55-79, 2012.
- TRACEY, P.; PHILLIPS, N.; LOUNSBURY, M. Taking religion seriously in the study of organizations. In: TRACEY, P.; PHILLIPS, N.; LOUNSBURY. (Orgs). *Religion and organization theory*. London: Emerald, 2014.
- WEBER, M. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: UNB, 2000.
- _____. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 2001.
- _____. *Sociologia das religiões*. Lisboa: Antropos, 2006.
- WILLAIME, J.P. *Sociologia das religiões*. São Paulo: Unesp, 2012.